

Revisitando os conceitos de sincronia e diacronia no “Curso de linguística geral”

JORGE LUIS QUEIROZ CARVALHO*

Resumo

Neste ensaio, nos propomos a discutir um dos pilares da teoria linguística saussuriana: a distinção entre sincronia e diacronia como forma de fundar uma ciência da linguagem. Mesmo explicitando que seu foco investigativo recai sobre a sincronia, debatemos o fato de Saussure se preocupar em não polarizar a Linguística, embora considere uma dessas vertentes mais relevantes para os seus objetivos. Parece-nos claro, assim, que o pesquisador não ignora a historicidade, mas a encara de um modo diferente dos estudiosos antecedentes a ele. Em vez de considerá-la a partir de uma concepção evolutivo-biológica, tal qual fizeram seus predecessores, postula que ela é produzida dentro do próprio sistema linguístico.

Palavras chave: Saussure, estruturalismo, dicotomias.

Abstract

In this essay, we propose to discuss one of the pillars of Saussure’s linguistic theory: the distinction between synchrony and diachrony as a way to establish a science of language. Even explaining that his investigative focus is on the synchrony, we discussed that Saussure doesn’t want to polarize Linguistic in one of these perspectives, but he considers synchrony as the most relevant to his objectives. It seems clear, therefore, that the researcher does not ignore the historicity, but he faces it not in the same way the previous researches did. Instead of considering it from an evolutionary-biological conception as his predecessors, he postulates that it is produced within the linguistic system.

Key words: Saussure, structuralism, dichotomies.



* JORGE LUIS QUEIROZ CARVALHO é Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC).



Introdução

O marco inaugural do Estruturalismo, como sabemos, está atrelado à publicação do *Cours de linguistique générale* (SAUSSURE, 1916) – CLG, obra póstuma organizada por alunos de Ferdinand de Saussure, que apresenta as ideias revolucionárias desse autor e é considerada uma das maiores contribuições já produzidas para os estudos da linguagem. Encontramos, nas reflexões desse teórico, o esforço para sistematizar o campo de estudos da Linguística partindo de uma mudança de atitude em relação ao seu objeto. Nas proposições de Saussure, a Linguística, que até então tinha se dedicado majoritariamente aos estudos histórico-comparativos, deveria, a partir de um novo posicionamento teórico-metodológico, centrar-se na análise sincrônica, ou seja, dedicar-se a investigação da língua em um estado histórico determinado, sem a necessidade de traçar o percurso diacrônico de sua evolução.

Esse e outros posicionamentos de Saussure que serão apresentados posteriormente provocaram uma virada nos estudos linguísticos que repercute até hoje. Além disso, é comum encontrar debates, palestras e trabalhos que se propõem a discutir a atualidade do

pensamento de Saussure. Nesse segmento, destacamos os muitos eventos ocorridos recentemente no Brasil, em que, devido ao centenário da morte do autor em 2013, considerado o pai da Linguística, suas reflexões sobre a ciência da linguagem foram mais uma vez exaltadas em eventos como a Jornada Internacional Ferdinand de Saussure e o II Simpósio Nacional de Estudos sobre os Manuscritos de Ferdinand de Saussure, ambos realizados na UFRN – Natal, e o I Congresso Internacional 100 anos com Saussure, realizado na USP – São Paulo.

Reconhecendo essa promulgada atualidade e, principalmente, a enorme contribuição dada por esse teórico, temos a intenção de apresentar, neste trabalho, um panorama geral da discussão acerca de um dos pilares da teoria linguística saussuriana: a distinção das linguísticas sincrônica e diacrônica como forma de fundar uma ciência da linguagem que toma por objeto de estudo a língua em si e por si mesma, independente da investigação de fatores históricos e/ou evolutivos. Esse aspecto chama nossa atenção na medida em que se configura como uma das particularidades da corrente estruturalista na Linguística (PIAGET, 1976) e é vista uma das grandes inovações que Saussure trouxe para esse campo de estudos.

A título de ilustração, percebemos que essa atitude na Linguística também é presente no Estruturalismo americano no qual Bloomfield ([1933]1956, p. 158, tradução livre) faz questão de destacar que estuda a língua numa perspectiva sincrônica. Embora não use esses termos, o teórico deixa claro que se preocupa, principalmente, com a descrição das línguas “em qualquer momento e em qualquer comunidade, e não com suas falhas ocasionais ou com suas mudanças no curso da história¹”. Ele informa ainda que, “a fim de descrever uma língua, não é necessário nenhum conhecimento histórico que seja²”. Nosso trabalho, porém, se voltará, exclusivamente, à discussão da maneira pela qual Saussure fez sua delimitação teórica, uma vez que observamos que o próprio Bloomfield (1956), ao se referir a pesquisadores que realizaram trabalhos descritivos sem recorrer ao aparato histórico, cita Saussure, o que reafirma o pioneirismo desse autor e a influência direta ou indireta que exerceu em gerações posteriores de linguistas.

Embora saibamos que as ideias estruturalistas sobre sincronia e diacronia e, sobretudo, que a suposta cisão entre esses dois conceitos foram reconsideradas por autores que vieram depois de Saussure, salientamos que este texto pode contribuir com uma discussão e apresentação dessas noções para aqueles que ainda se encontram no início dos estudos linguísticos. Além disso, não se pode negar que a delimitação entre estudos sincrônicos e estudos diacrônicos ainda provoca confusões teóricas mesmo para leitores já iniciados. Não obstante, é imprescindível relatar que foi justamente a partir dessa delimitação que a

Linguística passou a ser encarada como ciência. Sendo assim, visamos elucidar a relevância de tais conceitos buscando apoio, principalmente, nas proposições de Saussure (2006), Benveniste (1976) e Coseriu (1980).

Sobre os conceitos de sincronia e diacronia

Em discussão sobre o objeto da linguística, Saussure (1916[2006]) nos mostra que delimitá-lo não é uma tarefa fácil. Fazendo uma comparação com outras ciências, ele relata que muitas delas trabalham com objetos dados previamente sob os quais se criam diferentes pontos de vista, porém, na Linguística, a ordem é inversa. O autor diz, em sua célebre citação, que: “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 2006, p. 15). Nessa medida, cabe ressaltar que o ponto de vista criador do foco de investigação da Linguística, diz respeito à elaboração e delimitação de um objeto investigativo como maneira de viabilizar o estudo científico da língua e não corresponde à natureza do fenômeno linguístico como um todo, tendo em vista que ele é passível de diferentes interpretações.

Com essa intenção de dar um tratamento científico a Linguística, o pensamento inovador do assim-chamado mestre genebrino trouxe à tona o que Lopes (1997), citando Eduardo Prado Coelho, se refere como o caráter dialógico da linguagem, uma clara referência ao postulado de Saussure (2006, p. 15) de que, independente do ponto de vista que se adote, “o fenômeno linguístico apresenta perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra”. Referendando-nos na observação de Benveniste (1976, p. 43), essa dialogicidade pode ser encarada como o “que há de primordial na doutrina

¹ “at any one time in any one community, and not with its occasional failures or with its changes in the course of history”

² “in order to describe a language one needs no historical knowledge whatever”

saussuriana”. Desse modo, nada na linguagem escapa de ser observado e definido por termos duplos. Beveniste (1976, p. 43), ao discutir sobre essa questão, destaca as seguintes dualidades apresentadas por Saussure:

- dualidade articulatória/acústica;
- dualidade do som e do sentido;
- dualidade do indivíduo e da sociedade;
- dualidade da língua e da fala;
- dualidade do material e do não-substancial;
- dualidade do “memorial” (paradigmático) e do sintagmático;
- dualidade da identidade e da oposição;
- dualidade do sincrônico e do diacrônico, etc.

Embora não tenhamos a debater longamente sobre todos esses elementos, precisamos mencionar que Saussure (2006) recebeu muitas críticas por ter destacado tantos paradoxos na linguagem. Como forma de contestar essas críticas, evocamos novamente o posicionamento de Benveniste (1976, p. 45) que considera que “a linguagem é o que há de mais paradoxal no mundo, e infelizes daqueles que não o vêem”. Essa passagem permite a compreensão de que a suposta unicidade da linguagem reside apenas na percepção leiga e, embora tenha recebido críticas, o caráter duplo apresentado por Saussure (2006) pode ser facilmente percebido a partir de observações mais atentas, inclusive, ao que é proposto no próprio CLG.

No entanto, é preciso destacar que, apesar da defesa ao caráter duplo da linguagem, todos os elementos apontados anteriormente não podem ser considerados como completamente isolados, uma vez que eles não existem senão em relação um com o outro. Essa

constatação, todavia, não é nenhuma novidade e o próprio Saussure (2006) destaca essa característica em toda sua obra. Portanto, apesar da linguagem, enquanto objeto de investigação, não sustentar uma observação unilateral, todos os seus elementos, embora dualizados, formam um todo e se concretizam a partir de sua contraparte. É por essa razão que Saussure (2006) se refere a muitos deles como dicotomias, ou seja, as duas partes de um mesmo elemento.

Com esse posicionamento, Saussure (2006) apresenta as dicotomias essenciais para estabelecimento do objeto de estudo da Linguística, são elas: a) Língua x Fala, na qual o autor concebe a língua como fato social, analisável e, por essa razão, objeto de investigação da Linguística, em oposição à fala, considerada ato individual e heterogêneo; b) Sincronia x Diacronia, em que o autor delimita como foco de investigação o estudo sincrônico da língua, como discutiremos nas próximas linhas; c) Significado x Significante, que diz respeito aos componentes do signo linguístico, sendo o significado concebido como o conceito e o significante como a imagem acústica; e d) Relações sintagmáticas x associativas, no qual a primeira diz respeito às relações que os termos estabelecem entre si na fala e se baseia no caráter linear da língua, enquanto a segunda diz respeito ao fato de que as palavras formam grupos em nossa memória nos quais se associam por algo em comum.

O destaque de tantos paradoxos, além de meio para estabelecer a ciência da linguagem, possibilita a compreensão da língua como sistema, ou em outros termos, como estrutura. É preciso destacar, porém, que o termo estrutura não aparece no CLG e sua compreensão parte da noção de sistema desenvolvida

por Saussure. Para ele, “a língua constitui de um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos” (SAUSSURE, 2006, p. 95). Essa reflexão sintetiza a máxima saussuriana de que a língua deve ser estudada em um momento específico e se refere, ainda, o postulado de que os signos linguísticos fazem parte de um sistema, cujos valores podem ser estabelecidos apenas a partir das relações de oposição que estabelecem entre si.

A relação que todas essas dicotomias mantém entre si, como já mencionamos, é de interdependência e, desse modo, também está presente na distinção entre sincronia e diacronia, sobre a qual nos deteremos a partir de agora. Saussure (2006, p. 96) as distingue dizendo que “é sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo quanto diz respeito às evoluções”. Feita essa distinção, ele explicita que dará prioridade ao estudo do aspecto estático ao alegar uma maior relevância nos estudos dessa orientação. Uma de suas justificativas para essa escolha diz respeito ao fato de que, para um indivíduo falante, os dados históricos não são levados em conta, já que se expressa a partir de um estado específico da língua. De maneira semelhante, o linguista, interessado em compreender esse ou outros estados, deve ignorar os anteriores ou, se for o caso, os estados posteriores, isto é, deve abrir mão da análise diacrônica.

O pai da Linguística explora essa questão fazendo uma crítica à escola denominada Gramática Comparada, que objetivava reconstituir hipoteticamente uma língua que fosse anterior a todas as outras por procedimentos diacrônicos de análise. Ele mostra que a Gramática Clássica, anterior à Gramática Comparada, partia de um estudo sincrônico e, apesar de ser censurada pelos comparativistas de não ser

científica, Saussure (2006) a considera como uma perspectiva que possui uma base mais consistente e objeto mais bem definido do que dos estudos comparados. Por outro lado, o autor pondera que é somente a partir de métodos históricos de análise que podemos compreender melhor cada um dos estados pelos quais as línguas passam.

Sem abrir mão das críticas, o autor parece preocupado em destacar que essas duas correntes prestam contribuições favoráveis à ciência da linguagem e não é sua intenção desprezar ou priorizar nenhum dos dois legados. Essa compreensão se reforça ao observarmos que ele relata que a Gramática Clássica via apenas o fato sincrônico e ignorava completamente a diacronia, enquanto os estudos linguísticos que passaram a se delinear a partir dos estudos comparativos, permitiu lançar olhar para uma característica intrínseca a toda e qualquer língua: sua mutabilidade. Assim, vemos que ambas as preocupações são pertinentes para os estudos sobre a linguagem.

Admitindo a relevância dos estudos gramaticais e históricos que predominavam em seu tempo e no passado, Saussure (2006) considera importante que a Linguística resgate características da Gramática Tradicional, porém, abandonando as especificidades teórico-metodológicas que ele julga imperfeitas, como o fato dessa corrente ignorar a formação das palavras e ser normativa, devendo ela incorporar os procedimentos metodológicos que estão apontados no CLG. Na figura a seguir apresentamos um esquema elucidativo no qual o teórico discute a relação entre sincronia e diacronia no quadro linguístico que está a desenvolver, através da distinção de dois eixos: o das simultaneidades (A – B) e o das sucessões (C – D).

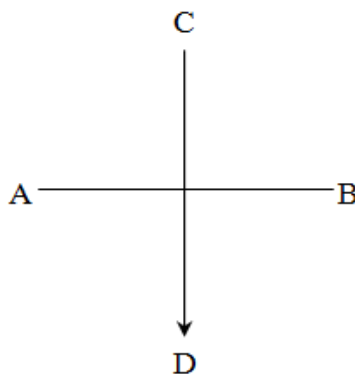


Figura 1. Esquema dos eixos simultâneos e sucessivos.

Fonte: Saussure (2006, p. 95)

Para Saussure (2006) o eixo A – B, ou eixo das simultaneidades, diz respeito às relações entre coisas coexistentes no sistema, que dispensam a observação das influências do tempo, enquanto o eixo C – D diz respeito ao eixo das sucessões, no qual as coisas do eixo das simultaneidades se situam em relação a seus estados anteriores (ou posteriores). O pesquisador mostra que o estudo da língua, como sistema de valores puros, ganharia mais se fosse estudado a partir de ambos os eixos, porém a complexidade e diversidade de signos impossibilita um estudo que seja capaz de abarcar essas duas dimensões.

Lopes (1997) afirma que a distinção desses eixos provoca equívocos por parte de muitos leitores ao observar que o eixo A – B tem sido considerado como a descrição estrutural por excelência e o eixo C – D como a única descrição diacrônica. Por esses equívocos, Saussure (2006), assim como outros estruturalistas, sofreram outras críticas por, supostamente, terem ignorado o caráter histórico da língua. Lopes (1997) mostra, porém, que esse tipo de acusação é incabível ao mestre genebrino e pode ser rebatida a partir da consulta a um manuscrito inédito até 1957 no qual Saussure expõe de maneira mais clara a relação entre sincronia e diacronia.

Nesse texto, Saussure explicita que a sincronia diz respeito à gramática, diferente da diacronia que é considerada agramatical. Nessa perspectiva, não existe gramática histórica e sim estudos diacrônicos, sendo gramatical apenas o estudo sincrônico. É preciso destacar, ainda, que na leitura do CLG podemos encontrar pistas que validam essa informação. Ao falar de sincronia, Saussure (2006, p. 117) diz que a ela “pertence tudo o que se chama ‘gramática geral’, pois é somente pelos estados de língua que se estabelecem as diferentes relações que incubem à gramática”. Já no que se refere à diacronia, Saussure (2006, p. 102) aponta que as modificações pelas quais a língua passa “só podem ser estudadas fora do sistema”. Esse posicionamento permite a interpretação de que, em certos pontos, o CLG vai de encontro ao que está expresso no manuscrito encontrado na década de 1950 e corrobora com a ideia de que o estudo diacrônico não diz respeito a um estudo gramatical, pois só pode ser desenvolvido fora e indo além do sistema sincrônico, ou seja, fora da gramática.

Coseriu (1980), em um ponto de vista semelhante, chama atenção para o fato de que as línguas não são produtos acabados, mas sim, produções. É com base nessa concepção que o autor pretende elucidar melhor o impasse causado pelo polêmico

paradoxo entre sincronia e diacronia. Coseriu (1980) retoma as proposições de Humboldt para dizer para a linguagem não é um produto (*ergon*), mas sim, uma atividade (*enérgeia*). As expressões em grego demarcam adesão e vínculo com o pensamento aristotélico que define *energéia* como uma atividade criadora infinita. Desse modo, “uma língua não é uma ‘coisa feita’, um produto estático, mas um conjunto de ‘modos de fazer’, um sistema de produção, que, a todo instante, somente em parte surge como já realizado historicamente”. Portanto, “a técnica linguística é essencialmente um sistema para a criação de fatos novos, e não para a simples repetição do que já se fez”.

Entender que a língua é uma atividade, isto é um sistema de produção, supera as supostas fronteiras existentes entre sincronia e diacronia e, sendo assim, é possível conceber que “o funcionamento das regras e a ‘mudança linguística’ não são, na própria língua, dois momentos, mas apenas um” (COSERIU, 1980, p. 23). Destaca-se, então, que a visão tradicional de sincronia e de diacronia distingue o funcionamento do fazimento da língua. O fazimento, aqui compreendido enquanto atividade, *enérgeia*, visa o funcionamento dos fatos linguísticos. Coseriu (1979) então, diz que as línguas funcionam a partir da sincronia, que é constituída diacronicamente. Com essa exposição, entende-se que a linguagem pode ser concebida como atividade/processo e também como produto.

Já no CLG, notamos que Saussure (2006, p. 102), mesmo explicitando seu foco investigativo, está preocupado em não polarizar a Linguística por priorizar a vertente sincrônica. Assim assevera o autor: “Sem dúvida, cada alteração tem sua repercussão no sistema”. Essa citação mostra como as duas noções são autônomas e ao mesmo tempo

interdependentes e pode ser reforçada através da clássica comparação entre a língua e uma partida de xadrez, na qual se observa, em ambos os casos, sistemas de valores que passam por modificações. A analogia explica que cada partida do jogo permite a movimentação de apenas uma peça, assim como acontece na língua, em que as mudanças se aplicam apenas a elementos isolados, e não ao sistema em sua totalidade.

Cada lance do jogo, do mesmo modo que os elementos da língua que se modificam, repercute em todo o sistema e os efeitos dos movimentos ocorridos são imprevisíveis. No xadrez, o deslocamento das peças provoca mudanças que fazem com que o estado atual do jogo se torne diferente do estado anterior e, conseqüentemente, do estado posterior. O espectador que observa uma partida já iniciada não precisa ter conhecimento dos movimentos que ocorreram partidas anteriores para compreender o estado atual do jogo, o que igualmente acontece com os falantes, que não precisam ter conhecimento de como se deu o percurso evolutivo de sua língua para poderem se expressar de maneira proficiente. Todavia, no xadrez os jogadores realizam os movimentos de maneira consciente e intencional. As mudanças na no sistema linguístico, ao contrário, não são conscientes e nem intencionais.

Lopes (1997) reporta que esse exemplo rebate as falsas acusações de que Saussure (2006) ignora a historicidade da língua e trás a tona dois conceitos de historicidade, a externa e a interna. A primeira diz respeito à adaptação do modelo evolutivo-biológico para o estudo da língua e considera que as transformações acontecem de fora para dentro, ou seja, as mudanças no ambiente social provocam mudanças no sistema. Já a historicidade interna parte de uma compreensão de que as transformações

são produzidas dentro do próprio sistema e acontecem apenas em alguns elementos. Esses elementos que se modificam, como vimos, repercutem em todo o sistema e geram um novo estado histórico, ou seja, uma nova sincronia.

Com isso, fica claro que Saussure (2006) não ignora a historicidade, mas a encara de um modo diferente. Ao invés de considerá-la a partir de uma concepção evolutivo-biológica, tal qual fizeram seus predecessores, ele considera que ela é produzida dentro do próprio sistema, que muda a partir da transformação dos elementos que lhe integram ocasionando um novo estado histórico, como bem mostrou o exemplo do jogo de xadrez. Isso leva a conclusão de que não há uma distinção radical entre sincronia e diacronia, o que também é apontado pelo próprio Saussure (2006) que diz que uma não exclui a outra.

Assim reporta Saussure (2006, p. 114): “essas duas ordens de fenômenos se acham em todas as partes estreitamente ligadas entre si, uma a condicionar a outra, acaba-se por acreditar que não vale a pena distingui-las”. Como discutimos anteriormente, ele mesmo admite que seria ideal um estudo que pudesse abarcar

uma análise diacrônica e sincrônica, o que é reafirmado na conclusão da seção que trata dessa dicotomia: “Cumpre reconhecer que a forma teórica e ideal de uma ciência nem sempre é a forma que lhe impõem as exigências da prática” (SAUSSURE, 2006, p. 115). Por isso, o autor considera ideal que cada linguista se dedique apenas a uma dessas dimensões, dada a dificuldade de dominar ambas em um único estudo, ou em um único campo teórico.

Essa discussão pode ser resumida a partir da reflexão de Lopes (1997) de que coexistem em cada estado da língua seu passado (arcaísmos), presente (norma vigente) e futuro (neologismos), o que corrobora com o que tentamos mostrar ao longo de nosso texto. As reflexões de Saussure (2006) que aqui apresentamos deixam claro que a prioridade dada à sincronia trata-se uma escolha metodológica e, em nenhum momento, ela é apresentada em detrimento da diacronia. Ambas as possibilidades de estudo têm muito a oferecer a Linguística, mas um campo que busca a legitimação como ciência exige recortes que possibilitem uma investigação mais rigorosa e concreta.



Conclusão

Pudemos observar que essa escolha metodológica repercutiu de tal modo que, ainda hoje, a maioria dos estudos se volta a vertente sincrônica. Mesmo com essa grande adesão ao pensamento de Saussure (2006), também destacamos que o autor foi alvo de muitas críticas e, apesar de seu ponto de vista claro, houve quem o acusasse de ser ahistoricista e ignorar os estados evolutivos da língua. Esse estudo tentou mostrar que essas críticas ao mestre genebrino são infundadas, uma vez que o teórico trás posicionamentos explícitos acerca da relevância de ambas as abordagens e, mesmo os pontos que não ficaram explicitados no CLG, estão subentendidos nessa obra e também foram alvo de reflexão, podendo ser esclarecidos através da consulta de seus manuscritos encontrados em décadas posteriores a publicação de sua obra póstuma.

É preciso entender, ainda, que os posicionamentos estruturalistas emergem sob influência do positivismo – cujo método científico era o quantitativo e postulava que os resultados de pesquisas científicas só podiam ser válidos se fossem mensuráveis. Nesse sentido, a proposta de Saussure (2006) era a de oferecer um panorama teórico-metodológico que possibilitasse o estudo

de um fenômeno linguístico que pudesse ser quantificado, ou seja, a língua como sistema imanente, sincrônico e abstraído das situações de uso. Como era de se esperar, estudos posteriores – vinculados a estudos funcionalistas, discursivos e enunciativos – superaram algumas das lacunas encontradas nas proposições saussurianas e continuam contribuindo para os avanços da Linguística, que hoje se consolida como um campo do conhecimento de relevância incontestável.

Referências

- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- BLOOMFIELD, L. **Language**. Nova York: Henry Holt and Company, 1956.
- COSERIU, E. **O homem e sua linguagem**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- LOPES, E. **A identidade e a diferença**: raízes históricas das teorias estruturalistas da narrativa. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- PIAGET, J. **O estruturalismo**. São Paulo: Difel, 1979.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

Recebido em 2015-12-19
Publicado em 2016-06-15